

Na imminência de um cataclismo cósmico: O itinerário do cometa de Halley

N.º 207 Lisboa, 7 de Fevereiro de 1910
 ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLÓNIAS
 PORTUGUEZAS E HESPAÑA: 0,75
 Anno, 7 4800 réis — Semestre, 2800 réis
 Trimestre, 1820 réis

Ilustração
 PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
 Director artístico: FRANCISCO TEIXEIRA
 Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA
 Redacção, Administração e Officinas de Compo-
 sição e Impressão **R. Formosa, 43**

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louza), Valle-Maior (Albergaria-a-Velha), installadas para uma producao annual de seis milhoes de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressao e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabrica-

CAPITAL	
Ações.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.210\$000
Fundos de reserva e de amortisação.....	266.400\$000
Réis.....	930.310\$000

ções especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Exportadoras e de-positos:* 270, RUA DA PRINCEZA, 276, LISBOA.—49, RUA DE PASSOS MANUEL, 51, PORTO.—End. telegr. em Lisboa e Porto: *Companhia do Prado*. Numero telephonicos: LISBOA, 603 — PORTO, 117.

A QUEBRADURA CURADA

Ucem como este pedreiro está tapando a abertura d'essa parede?



Essa é a forma como curo a quebradura. Preco-chendo a abertura com material novo e muito forte.

Uma quebradura é simplesmente uma abertura n'uma parede—a parte de do musculo que protege os intestinos e outros orgaos internos.

E' quasi tao facil curar uma ferida ou ruptura n'esse musculo; como n'um braço ou na mão.

Talvez es-a ruptura não seja maior do que a cabeça d'um dedo.

Mas é suficientemente grande para permittir que parte dos intestinos saiam por ella. E' evidente que a cicatrização não se produz, sem que a natureza seja ajudada.

E é isso, precisamente, o que faz o meu methodo. Permite conter a protuberancia dentro da parede e no seu proprio lugar.

Depois pr. escrevo o Lymphol para applicar s bre a abertura da quebradura. Este penetra *atravez* da pelle até ás bord. s da abertura e remove o anel calloso que se formou ao redor da ruptura.

Enão começa o processo de cicatrização. A natureza, já livre do intestino saliente e do anel calloso n'uma abertura, e estimulado pela acção do Lymphol, fornece tambem lymph e a abertura é outra vez occupada com o novo musculo.

Não é isto simples? Não é rasovel? Tenho provado os seus meritos em milhares de casos. E *proval-o-á* a qualquer quebrado que me envie o seu nome.

Escreva-me quem quizer pelo correio e eu lhe enviarei pelo correio uma amostra gratuita de Lymphol e um livro esplendidamente illustrado acerca da Natureza e Cura' da Quebradura. Não me mande dinheiro. Mande-me apenas o seu nome e direcção.

Wm. S. RICE, R. S., Ltd.,
(ESPECIALISTAS)
(Dep'to. S. 346), s e 9, Stonecutter St.,
LOND'ES, E. C., INGLATERRA

COKE INGLEZ
PARA COSINHA
O MAIS ECONOMICO

R. Conceição, 17, 2.^o
Telephone 1738

Os Cinco Últimos Perfumes

Rêve d'Ossian
Convoitise
Jardins d'Armide
Eillet Louis XV
Age d'Or

PERFUMARIA ORIZA
L. LEGRAND
11, Place de la Madeleine
PARIS
14-15, Conduit Street, LONDON

NOUVEAU PARFUM
PRINCIA VIOLET
29, Bd des Italiens, PARIS

O "Boulon-valve" Michelin

Os automobilistas devem ter gosto em saber que o emprego do "boulon-valve" Michelin (valvula agrafe), novidade que mencionamos no nosso ultimo numero, permite a supressão dos parafusos de segurancia, d'onde resulta uma economia consideravel de tempo e trabalho na montagem e desmontagem dos pneus.

Esta dupla operação torna-se rapida, simples e facil. O material para a effectuar fica reduzido á sua expressao mais simples: o «levier á bíté» (alavanca de dente) e o «levier caudé» (alavanca dobrada) constituem tudo quanto se torna necessario para a montagem conjunta do envelope e da camara.

A noticia, em francez, sobre esta novidade, será remetida, gratuitamente, aos automobilistas que a pedirem: os depositarios Michelin, em Portugal, ou, directamente, aos srs.

MICHELIN & C^{IE}
CLERMONT-FERRAND

Agente em Paris: Camille Lipman, 26, rue Vignon

Os Agentes em Portugal
REEMBOLSAM o DINHEIRO
a quem não tiver tirado resultado

na BRONCHITE
TOSSE, ASTHMA
TISIS PULMONAR
empregando o
XAROPE FAMEL

PARIS
86, Rue de la Réunion
PREÇO: 500 REIS
Frases de parça em todos os Portugal para franses.

DEPOSITO GERAL
5, RUA DOS SAPATEIROS, LISBOA

O REGALO

envolvido em setim ou velludo, perfumado a heliotropio, a verbena, a gardenias e a rosas como outr'ora

Feito de pelles eguaes ás que cobrem o busto ou enlaçam simplesmente o pescoço, á estola ou á palatina, o regalo fórma, por assim dizer, a riquissima *parure* da mulher, esta estacão.

Voluptuoso envolvente, protector carinhoso de lindas mãos friorentas, elle tem a sua historia galante, começada sob o sereno céu de Italia, ahi pelos fins do XV seculo.

Os primeiros eram feitos de largas tiras de brocado, velludõ ou seda, forradas de pelles macias, e abotoados nas extremidades com botões de crystal do Oriente, de ouro ou de verdadeiras perolas, e serviam de tepido nichõ ás pallidas mãos das dozes venezianas que ahi traziam habitualmente uns graciosos caesinhos minusculos. Na elegante cõrte de Francisco I, a linda Diana de Poitiers, a despeito das suas rivalidades de coração e em questões de moda com a rainha mãe Luiza de Saboya, trará tambem um precioso regalo, pençente da longa cadeia de ouro que lhe rodeia a cintura e desce até aos dourzados chapins. O vencedor de Marignan;

Como no tempo de Luiz XV, o regalo gosa este inverno do favor especial das grandes elegantes. Quatro seculos de existencia movimentada não o envelheceram, nem modificaram muito, e elle é sempre o mesmo discreto confidente que esconde no seio, agora perfumado ao *Oeillet du Roy* de Houbigant e ao

1—Uma elegante.

(Desenho de Felix Fournery)

Camia de Rigaud, as luminosas garrajas do mysterioso bilhetinho de amor.

Com o seu ar donairoso de velho casquilho, elle é ainda aquelle que viu dançar a pavana, a sarabanda e o passa-pé nos salões do Louvre, que atravessou de cadeirinha as alças do parque de Versailles, e que assistiu aos alegres serões intimos da rainha Maria Antonietta, no Trianon.

Grande senhor opulento quando se reveste de herminia mosqueada, de zibelina, de marta, de lontra, de skungs, de raposa azul ou negra, devia ter um todo effeminado e fino,



Uma corrida de trenõ



1—A dama da peliça

protector das artes e dos artistas, do luxo e da belleza, acolhe as modas italianas que a caprichosa e contradictoria futura duquesa de Valentinois combate, ao mesmo tempo que usa elegantemente a sua *contenance*, nome dado então ao regalo. Assim, as pelles de lobo cervical, de gato bravo preto e de marta da Calabria envolvem as mãos felinas de dedos como espadas e roseas unhas, afiladas e transparentes, da favorita do delphin.

A formosa Maria Touchet, tão que-



rida do malaventurado Carlos IX, usa os regalos de côr, enquanto os pretos são relegados á burguezia.

N'esta epoca de surdo terror, as delicadas gazes espumantes são substituidas pelos véos negros que sombreiam o rosto. Catharina de Medicis occulta-se sob a pequena mascara ou *luppa* de velludo preto, através da qual os seus olhos teem um brilho mais sinistro, e esconde cautelosamente as mãos, que traz sempre constelladas de maravilhosos anneis, nas dôbras do regalo de pelles.

Feito de velludo ou setim e forrado de herminia, o regalo repousa agora no regaço de Luiza de Lorena, enquanto Henrique III, o mais effeminado de todos os monarchas, alisa e penteia, como de costume, por suas régias mãos, a mais insignificante das rainhas. Mas o regalo enrola-se em volta das bonitas mãos de Margarida de Valois, que, na sumptuosidade dos seus vestidos reluzentes de pedras preciosas, é a figura deslumbrante, a dominadora d'esta côrte onde as mulheres se vestem de brocado de ouro fino sob uma chuva de perolas. Eis porém que a marta-zibelina faz as delicias novamente dos *bichons* e dos macaquinhos, que apparecem mettidos nos regalos das damas da côrte do sombrio Luiz XIII. A esplendida rainha Anna de Austria, a Delorme, a Chevreuse e a Ninon de Lençlos terão, como todas as «preciosas» do seu tempo, os regalos enfeitados com lacinhos de fitas de seda. Os homens vão ter tambem o seu regalo, e usa-o-hão tigrino, a deixar escapar o punho da luva ou de lontra enfeitado com um grande laço.

Então o regalo passará a occultar as garras



2—Uma pelle rica
3—O regalo no seculo XVII—M.^{me} Moit Raymond
(Quadro de Vigie-Lebrun)



regalo de pelle de lobo da Siberia com grandes laços, ou trazem-no apertado debaixo do braço.

A re leza bate o seu termo e dentro dos «regalos da agitação momentanea», usados até na Opera, os doguezinhos e os King-Charles



plebeias e o livro de missa d'essa aventureira de austeros modos de fingida seriedade, que foi a Maintenon.

Depois de ter assistido ás praticas religiosas de S. Gervais, assistirá ás orgias do Palais Royal nas impudicas mãos da Châteauroux e da Sabran, irá aconchegar-se ao seio da virtuosa Maria Leekzinska com a mesma inconsciencia com que acariciará o fino pulso da galante e soberana Pompadour ou se estadeará pelo serrallho de *Parc-aux-Cerfs*.

O adoravel e fresco rosto de Maria Antonietta descairá ainda gentilmente sobre os deliciosos regalos de pelles, preparados com ambar e musgo e perfumados com jasmim e bergamota. Os almiscarados peraltas da epoca, discutindo e gesticulando, agitam nas pontas dos dedos o grande



cemente ao peito com o regalo de chinchilha.

A farfalhante scia 1830 cruzará as enluvadas mãositas n'um gesto romantico de que sairá o regalo.

Foi esta a extravagante moda dos *gants-manchons* especie de *mitaines*, que unidas uma á outra, quando se juntavam as mãos, formavam o regalo.

Finalmente veremos um dia o regalo descer da sua opulencia e vir envolver na sua pelle de coelho ou gato preto as pobres mãos vermelhas e gretadas da modesta burguezita.

Não são estes, certamente, que temos admirado nas preciosas gravuras de Hollar, Abraham Bosse e Bonnard.

O regalo, que é mais ainda um objecto de luxo que de necessidade, tem de ser fino e portanto custoso.

Celebrizado nas mãos das patinadoras de Lancret e

A parisiense



verão acabar os seus dias mais felizes.

A filha da infelizmente Maria Antonietta, a duquesa de Angoulême, trará, sobre o diadema á grega e o tufo de plumas, a fina mantilha de *blonde*, que chegará do-



gum dia veremos resurgir com agrado.

A moda é, no entanto, bastante razoável d'esta vez, e a pelle de macaco envolverá as esguias mãos aristocraticas com a mesma distincção com que o faria a'marta zibelina ou a raposa azul.



1—Uma rajada
(Quadro de Woollett)
2—Na paisagem
(Quadro de Mand Noyes, I)

Boucher, tem uma graça mysteriosa quando unido ao seio das mascarar venezianas de Pietro Longhi.

Prendendo sempre as atenções, elle continuará a ser celebrado nas telas de Reynolds, de Gainsborough, de Vigée Lebrun, e em muitas outras.

Sem o costumado despótismo, a moda oferece esta estação o regalo grande ou pequeno, infinitamente variado, simplesmente de pelles ou enfeitado com patinhas, cabeças, rendas, franjas, e galões bordados e assentes sobre karacut. Não é já o exaggero do enorme regalo de compridos pellos de cabra de Angora, que nos acompanham o vestido até abaixo, usado no principio do XVIII seculo, nem tão pouco o delicioso regalosinho Watteau ou Coppée, pintado a guacho, com rondas de amorsinhos ou com passaritos a esvoaçar, usados ha uns bonstrinta annos, e que al-



Oh! mas por um d'estes regalos preciosos, confessemos, vale bem a pena um sacrificio pequeno—ou mesmo grande.

Actualmente, favorecidas pelo aucto bilismo, muitas pelles que d'antes apenas eram usadas na Russia e na Laponia, espalharam-se por toda a parte, mas como são bastante grosseras apenas tem uma restricta accção. D'esta fórma, a raposa vulgar, a lontra da Europa e as cabras asiaticas, deixarnos-hão ainda a tentação modesta da morta da

Australia, da raposa castanha e do esquilo commum, com os olhos postos, mau grado nosso, no gris, no petit gris e no vair, o lindo esquilo do norte.

A phantasia de usar pelles preciosas, custa fabulosamente caro, comtudo entre a zibelina e o coelho ou o gato indigena, ha um meio termo que as proprias regiões hyperboreas, que espalham a sua infinita variedade de pelles pela China, Russia, Alemanha e França, resolvem entre nós com uma relativa facilidade.



3—Sob a neve allemã
(Quadro de Tarrant)

O Seio

O seio é a mais expressiva belleza da mulher e o seu relicario. Arfa docemente ao impulso do amor e n'elle se guarda quasi sempre a mais querida carta, aquella onde se dizem as lindas phrases que parecem levar consigo todos os suspiros de quem as es-reveu.

A noiva compraz-se em ter junto do seu peito a missiva onde se fala de futuras felicidades, como se assim, mais perto do coração, lhe fôsse segredando minuto a minuto a



ventura de que está cheia. Cada palavra que os olhos leram passa n'esse aconchego para a carne e n'ella se imprime indelevelmente. No meio das festas, deante dos

indifferentes, ella vac sentindo essa delgada folha de papel a acaricial-a com a doçura das palavras escriptas. E' um mysterio sob um corpete, e a alma feminina no mysterio se deleita.

A religiosa colloca sob o peito a imagem preferida, um rosto pensativo d'asceta, uma face rosada de anjo ou um agonico perfil de Jesus, e em toda a parte, no meio do mundo, perdida na estrada sem fim da desventura ou consolada n'um extasi bemdito, sente-se sempre defendida, como se levasse ali um punhal forte. As saudosas apaixonadas, como essa soror Marianna, junto ao seio apertam uma recordação, um retrato, ou uma florinha murcha, cousas que marcam um dia sem nuvens no céu rosado do seu amor. Occultar no seio uma recordação preciosa é na mulher um instincto; é ainda uma forma da esphinge que exista no intimo de todas ellas. Conservando ali o objecto amado, sabem-no bem perto de si e bem longe dos outros; basta-lhes desapertar um laço para os seus olhos se embeberem no que é o seu thezouro, ao mesmo tempo que o seu pudor o defende como um dragão vigiando uma princeza. Todas as mulheres preservam o seio dos olhares, como a sua mais valiosa belleza. As antigas guerreiras



1—Seio de mãe (quadro de Levéque)
2— O botão de rosa (quadro de Wiile)

guardavam-no no ferro das armaduras, para o salvarem dos golpes e tambem para depois de mortas elle não ser o deleite dos olhos vencedores. Só as mães o deixam vêr quando amamentam os filhos, de quem é a fonte da vida que lhes dá o leite da ternura, como na carne virgem é o mimoso botão equal ao da rosa antes de desabrochar.

Todo o prestigio feminino vem do seio. Não existe a mulher senão quando elle se forma, amadurece como um lindo fructo; a maternidade sagrada o alimentando um deus ou um mizero. Os labios de uma creança collados ao peito materno, as suas mãosinhas rosadas pousadas sobre elle, fazem desviar os olhares, defendem-no tão bem como se aquelles pequeninos dedos fôsses a armadura forte das antigas amazonas.

Até aqui elle é o relicario nobre, o logar mysterioso que guarda as recordações d'alma e dá a seiva á carne tenra das creancinhas, belleza suprema da mulher, d'onde lhe vem a graça, a força e a sagração.

Sem deixar de ser bello, ás vezes mais maravilhoso ainda, o seio deixa de ser a fonte da vida para ser o logar da morte; deixa de con-

ter ingenias cartas d'amôr para guardar perfidias, deixa de ter no seu calor imagens de santos para aquentar venenos. Ou o seio não fôsse graça da mulher e ella não seja o mais voluvel dos seres. A grã-duquesa de Berg, que era amante de Junot, representava com elle n'uma comedia de salão.

O governador de Paris devia cair a seus pés diante d'aquella platea de principes, de marcheães e de heroes e dizer-lhe os mais bellos versos d'amôr, ciclar-lh'os na sua voz apaixonada, a mesma com que lhe falava a occultas no mysterio

do seu quarto no Elyseu. Madame Junot tambem entrava na peça e tanto olhou a amante do marido, que assim impudicamente satisfazia a sua real phantasia, que a grã-duquesa cahiu com um ataque de nervos. Foi necessario desapertar-lhe o corpete. A côrte afflicta corria para a scena, mas apenas a imperatriz Josephina se atreveu a tocar n'aquelle seio de princeza. Sob os seus dedos apparecia uma carta dobrada, ella achou-a, viu a letra. Era uma carta de Junot. E essa carta, assim es-

condida no seio lindo da mulher d'um heroe e da irmã d'um Cesar, fez a eterna desventura da futura duquesa de Abrantes. Sem esse bilhete perdido, escondido n'um corpete, ella não teria sido desventurada. Nos agitados tempos de Catharina de Medicis era no seio que se escondiam os filtros mettidos em frasquinhos minusculos que pendiam dos pescoccos cysnaticos das beldades. Pelas noites, nas alcovas fidalgas, quando o amoroso procurava reclinar a sua cabeça n'aquelles peitos tão desejados, encontrava o frasco d'onde lhe viria a morte para a hora em que passasse aquelle capricho da grande dama. E durante mezes e annos, sempre esses perigosos filtros receberam o calor d'aquelles seios que os



A Saboyana (quadro de Greuse)

olhares apaixonados não largavam, adivinhando-os de baixo dos justilhos. Nem sempre essa florescencia da mulher foi fonte de doçuras. Ainda hoje sobre quantas seios não se acalantar a perfidia, posta n'uma pequenina medalha como uma hostia profanada e que a mulher nunca mostra, a que se refere como a uma recordação, mas com um sorriso vago, d'esses que são temerarios e cobardes, que parecem ter a audacia de revelar um pensamento e, ao mesmo tempo, o ludíbrio para o mascarar. Ao seio santo das mães oppõe-se o seio merce-



nario das amas, peitos que se alugam e onde os lábios innocentes vão beber por vezes uma vida maldita feita de todas as taras d'uma raça, alimentada d'uma ancestralidade doentia.

Desolador é o seio das estereis, das feias e das pobres doentes torturadas, como essa pobre Renée Mauperin, roida de remorsos, a cravar os olhos na paisagem triste n'um fatal outomno e ven-

do o seu seio decrescer, mirar-se, como se a morte o fosse chupando com a sua sedenta bocca de vampiro. E assim com o fim a avizinhar-se, o seu peito outr'ora tão lindo já nem soergue as roupas do seu leito, já não tem que o defender com pudor de olhares cubicosos, porque elle se foi esvaindo a annunciar-lhe que dentro em pouco ella propria, com toda a sua belleza perdida, iria repousar n'outro seio, o da terra, que naturalmente, na primavera proxima, desbrocharia em rosas, como se germi-

nassem dos botões do peito virginal da morta.

As enclausuradas, as desditosas, aquellas para quem o amor foi apenas um sonho, torturam-se ao deixar de sentir o seu peito palpar. Mesmo na hora extrema, no meio das grandes tragedias da vida, n'esses dramas horriveis em que teem figurado mulheres, é sempre o seio o grande cuidado de todos os momentos. Maria Antonietta traçou bem o lenço, amarrou-o nas costas, segurou-o n'uma resignação, para subir á guilhotina, e aquella carne regia, que tanto brillára cheia de joias nas grandes recepções da cõrte, que fizera tantos amorosos, mas que jámais alimentára um pequenito, ali foi contrahida, presa no lenço, não devendo ser vista senão depois de fria. A marquez de Tavora, no lugubre patibulo de Belem, em frente do Tejo que rugia no alvorecer pardo de novembro, ao sentir a mão do carrasco desentrançar a mantilha que lhe tapava o peito tão formoso, exclamava n'uma grande altivez, não só de raça mas bem feminina:

—Não me descomponhas!

Dido, para furtar aos lábios d'um homem odiado o seu peito generoso, preferiu trespassal-o com o punhal sobre a pyra onde o seu corpo se debateu. Mas tambem a par das scenas desoladas, ha grandes quadros d'amor em que os seios de camponezas e de rainhas, de virgens e de cortezãs, soerguendo-se, fazem confissões, uns palpitando sob a macieza dos véus perfumados, outros em toda essa nudez admiravel das estatuas.

Sobre o seio de Maria pousou a face morta de Jesus seu filho,



1—A fomba no pombal, quadro de Cartot
2—O seio da abundancia, (allegoria de Viet.)



Hebe (Quadro de Hamilton)

n'uma tarde historica entre as urzes da Judea e com o seu sangue mais sagrou a carne que o alimentara mas tambem sobre o seio de Lucrecia se turbaram olhos agonicos depois dos crimes deshonrando essa graça feminina.

N'um periodo de transformação social, quando se abalaram as instituições e os costumes, a mulher excluiu o pudor, procurou pela meta nudez impôr o seu dominio. Foi no momento em que se estancava o sangue que a republica franceza fizera correr. E ella, que symbolisára o seu mez de Germinal n'uma mulher acariciando uma pomba contra o peito, não poude vêr o que surgira de toda a sua obra em materia de moda. O Directorio com as suas bachanaes, os pavilhões galantes, onde pelas noites se davam festas, com as casas de baile, que se abriam em todos os cantos de Paris, trouxera esse uso do decote tão largo, tão extranhamente aberto, que os corpos femininos quasi se desnudavam collocando-se para cumulo do bizarro, aneis d'ouro nos bicos dos seios. Mas isso foi moda de pouca dura e na geração seguinte a mulher voltou a guardar ciosamente as suas graças, a escondel-as como um dom precioso da divindade que para ser amado não deve andar exposto.

Apesar de tudo, porém,

o seio é a maior belleza feminina, a que nos faz sentir a fórma da mulher, aquella para onde os nossos olhos mais se volvem attrahidos n'uma ancia de a desvendiar.

Tartufo, lançando o seu olhar arteiro para o seio de Dorine, cubiçoso mas dissimulado, vae dizendo:

*Couvrez ce sein que je ne saurais voir
Par de pareils objets les âmes sont
blessées
E cela fait venir de coupables
pensées*

E com effeito esses pensamentos peccaminosos, que só o peito santo d'uma mãe, afasta, são chamados ante essa suprema graça do corpo feminino, levam aos olhares demorados como os altos montes rosados pela luz das auroras e que parecem ser os seios da terra, tão formosa, tão cheia de mysterio e tão fecunda, que deve ter sido tambem uma mulher posta a rolar eternamente após alguma perfidia praticada nas alturas, nos mundos de bondade, d'onde a expulsaram.



O seio do modsto (Quadro de Vlenghels)
(GRAVURAS DA BIBLIOTHECA NACIONAL)

O FIM DO MUNDO E OS COMETAS.

Os povos, embora o não pareça, caminham a par dos sábios na *ância* de arrancar segredos ao infinito... Os processos são, certamente, diferentes; enquanto uns, mercê de determinantes psychicas, acolhem as explicações phantasiosas que a imaginação lhes sugere, outros, por seu lado, comparam e analysam factos, que traduzem depois em conhecimentos concretos na justa medida das suas observações.

A nós, receptores fieis de caleidoscopio da vida nas suas multiplas manifestações, cabe-nos o papel de medianeiros entre a phantasia e a verdade.

A Europa tremia já de inenarravel medo na expectativa da visita do cometa de Halley, em maio proximo, quando, de subito, como é de praxe cometaria, appareceu no céu um novo astro vagabundo, observado pela primeira vez em Joanesburgo por Drake, como luminoso arauto do primeiro, provocando, de surpresa, uma curiosidade não isenta de receio na gente culta, e um verdadeiro fremito de pavor na grande massa ignorante. O novo cometa tem sido observado dos pontos altos da cidade por centenas de pessoas, mostrando-se nitidamente, á direita e abaixo do pla-



1—O cometa de Halley, em 16 de fevereiro de 1836
2—O astrónomo Camillo Flammarion no seu gabinete de trabalho de Juvisy

meta Venus, com a cauda apontada ao zenith, imperioso e fatidico na sua attitude de espada nua que marca um destino.

Ora em Lisboa chora-se, lagrimas authenticas, fitando o poente ao crepusculo, na ancia cruel de contemplar o astro prophetico, que, segundo o povo, annuncia em geral o fim do mundo. O cometa, prende positivamente a attenção geral; em vista d'isto a *Illustração Portuguesa* procurou por todos os modos pôr-se em contacto com as notabilidades astronomicas de Portugal e do estrangeiro, quer pessoalmente, quer consultando os ultimos boletins scientificos sobre o assumpto, a fim de trazer aos seus leitores a ultima palavra sobre os astros terroristas e vagabundos chamados cometas, sobretudo na parte que estuda as probabilidades e os effeitos do encontro das duas massas no espaço a velocidades medias de 500:000 metros por segundo. Felizmente estao longe de tal encontro. Antes, porém, de transportarmos os astros fatidicos á intimidade das nossas relações, determinando-lhes a orbita, a velocidade, a consistencia, as metamorphoses porque passam e os caprichos que apparentam, apeando-os, por assim dizer do seu throno tyrannico



1—Sala interior do Observatorio de Coimbra

para o campo egualitario da luneta astronomica, vamos tentar reviver as commoções produzidas na Europa pelas successivas apparições do cometa de Halley.

Ora a sciencia, pela bocca dos mais eminentes astronomicos, diz-nos que sim. — Um cometa é uma ameaça. Os seus effeitos podem ser tremendos. Os povos tem a intuição dos grandes perigos.

O COMETA D'HALLEY NA HISTORIA

Os cometas são os verdadeiros trens expres-os da immensidade. Pe-



2 — O cometa de Halley em 11 de novembro de 1835 (documento extrahido das *Memoirs of the Royal Astronomical Society*—Anno de 1836)

3 — O Observatorio da Escola Polytechnica de Lisboa. — (Cliché BOBONE)

riódicos ou esporádicos, aparecem subitamente e subitamente se afastam, no percurso vertiginoso d'uma elipse alongadíssima que lhes prescreve longos annos de carreira, ou então a sua velocidade é ainda maior, a sua orbita é um arco de parábola ou de hyperbole, e nunca mais os veremos; veem do infinito e para lá retornam na busca de outros sóes vivificantes. Com effeito, os raios solares parecem ser a vida d'esses fogos fatuos do infinito. Quanto mais se approximam do perihelio e portanto do sol mais o seu brilho insolito se accentua e mais longa se torna a sua cauda. Ao afastamento do sol corresponde um decrescimento notavel na luminosidade do astro errante, até que a perde por completo. O come a continua no seu giro eterno, mas o seu aspecto modifica-se, e a sua carreira então faz-se nas trevas, sem que por isso se altere o caminho que a gravitação impõe á massa bruta como se fosse um instincto.

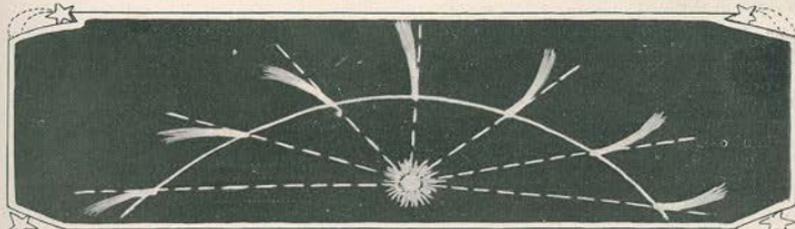
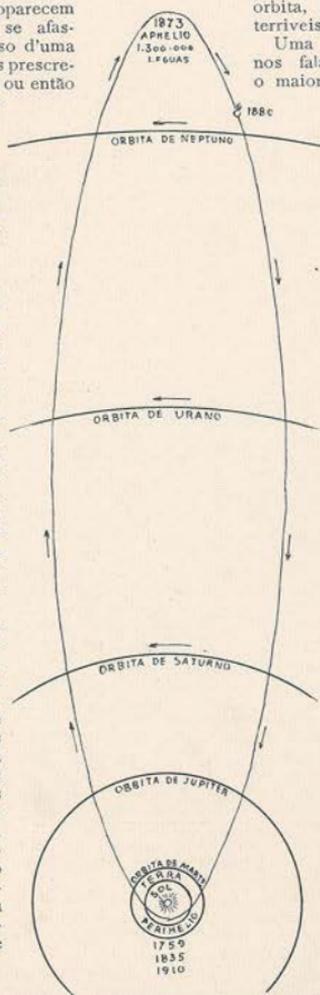
Foi Newton, a proposito do cometa de que nos occupamos agora, o primeiro, que incluiu os astros vagabundos na lei da gravitação que rege o universo, e foi, baseado n'estas ideias que Halley calculando a marcha do cometa de 1682 encontrou taes semilhanças com as aparições de 1531 e 1607, que as identificou, annunciando-lhe a volta para 1759. Fiel ao appello do sabio, atrahido irresistivelmente pelo sol, appareceu na data prevista, tres annos depois da morte de Halley.

orbita, tem deixado na humanidade terríveis impressões.

Uma apparição de que a historia nos fala detalhadamente, produziu o maior terror na França, e remonta ao reinado de Luiz I, 837 da nossa era. A tradição caprichava em alliar á pessoa dos reis o vaticinio funesto do astro, e desde que appareceu no céu da França antiga o nosso proximo visitante, não mais o rei Luiz teve um momento de descansa. O povo chorava, alliando ás lagrimas clamores dementes de animaes ameaçados pelo fogo; o rei occultava as lagrimas e o medo emquanto esperava o astrologo anciosamente chamado. As suas respostas porém não satisfizeram o rei Luiz, que para afastar o perigo eminente annunciado pelo astro cabeludo, resolveu que o seu povo erguesse preces ao céu, que a sua corte jejuasse e que se começasse a construcção de novos templos. Passados trez annos, e já o futuro cometa d'Halley gravitava invisivel a billhões de leguas da terra, morreu o rei; não faltaram então historiadores que ligassem a sua morte á visita do astro.

Identicas scenas de pavor se repetem em 1066, época em que Guilherme da Normandia empreendeu a conquista da Inglaterra, ficando esta apparição memoravel na historia.

Seculos mais tarde a apparição do cometa faz-se novamente em condições de estrema nitidez e de insolita grandeza, o que produz um novo frémito de an-



1—Orbita do cometa d'Halley. 2—As caudas cometarias são sempre oppostas ao sol.

Ora este rei da velocidade, que gasta 76 annos a percorrer a sua

gustia na humanidade e mais accentuado que os precedentes.

Corria o anno de 1456, ou seja tres annos depois da tomada de Constantinopla pelos turcos. A invasão dos infeis fazia tremer a Europa quando de subito, como sempre, appareceu, no céu, um cometa collosal. Os observadores do tempo legaram-nos a impressão d'um horrivel monstro aereo o que não admira attendendo á tensão dos espiritos. Podem classificar-se de selvagens certas scenas então desenroladas para conjurar o perigo celeste. Houve gente que immolou voluntariamente a vida á supposta colera do cometa. Houve suicidios e scenas de loucura. Innumeras creaturas ficaram para sempre paralyzadas de espanto. E' no meio d'este singular delirio, que o papa Calixto III ordena o toque dos sinos ao meio dia para chamar o povo á prece conjuradora. Este toque, passa, desde então, a ser um dever dos sineiros, e a sua hora transferida para o pôr do sol. Foi portanto o cometa de Halley que fez nascer as actuaes Avé-Marias.

Desnecessario se torna alongarmos a serie historica das appareções para se fazer uma idéa do pavor que provocavam; o que se nos afigura agora interessante é recordar ao leitor a historia do proprio cometa no seu curso eterno e sobretudo evocar o que elle nos diria do que houvesse visto á superficie da terra desde a ultima visita á mais remota que nos fez.

Far-nos-hia uma historia onde a guerra predomina com todos os seus horrores, porque, coincidencia notavel, a sua appareção domina quasi sempre tragedias guerreiras.

Modernamente, a vinda de outros cometas, periodicos, tem sido annunciada por sabios e pseudo sabios, com a etiqueta de—Fim do mundo.— A noticia alarmente annunciava que a certa hora o cometa cortaria a orbita da Terra. Assim era com effeito; mas a noticia, esquecia dizer-nos em que ponto da sua orbita se encontraria a Terra quando o cometa a cortasse. Felizmente vinham outros annunciarem que a Terra á hora prefixa estaria a milhares de leguas do ponto designado. E' assim que ha milhares de annos vimos escapando a successivos cataclysmos cosmicos; vê-se, pois, que a Natureza chamada madrastra é mil vezes mais generosa para os homens que os homens uns para os outros.

O QUE É UM COMETA

Não ficaria completo o nosso artigo, sobretudo vulgarizador de

idéas, se não dissessemos ao leitor qual é a ultima palavra da sciencia sobre a constituição physica dos corpos celestes de que nos vimos occupando, tanto mais que os perigos da sua approximação, o que mais nos preoccupa agora, dependem, quasi directamente das condições da massa de que esses corpos são formados. A acreditarmos certas theorias, relativamente modernas, os cometas seriam corpos inoffensivos. Alguns seriam tão leves que um homem os transportaria sobre os hombros, e quanto á sua cauda, o gaz que a compõe é tão rarefeito, que uma parte d'elle igual a quatro vezes o volume da Basilica da Estrella, pôde conter-se nos pulmões d'um homem. Ora estas theorias não estão de accordo com as ultimas observações, e a theoria contemporanea deixa muito a desejar quanto á passividade cometary.

Mas, o que são os cometas?

Massas nebulosas cujos nucleos são constituídos por bolides, solidos portanto, mais ou menos incandescentes, projectando em opposição ao sol caudas luminosas com 20, 50, e 80 milhões de leguas de extensão. Predomina na sua constituição o carbone. Ha cometas cujo nucleo excede em diametro o do sol. São massas collosaes, por tanto, animadas de velocidades asombrosas, visto que a proximidade a que passam do sol, não permite velocidades inferiores



O cometa de 1858 visto do alto do Observatorio de Paris em 5 de outubro de 1858

res a 600:000 metros por segundo, sob pena d'uma attracção total, e, portanto, da absorção do cometa. Mas, voltando á constituição physica dos cometas, apparece-nos o mysterio das suas caudas, sobre as quaes mil hypotheses se tem feito, sem que até hoje se possa formar uma idéa exacta da sua composição. Ha theorias que seriam acceptaveis, se certos factores de ordem physica se não oppozessem e vice-versa. Assim, para admittir a materialidade das caudas cometarys, seria preciso admittir o *inconcebivel* na velocidade. Com effeito, suppondo o cometa no perihelio, e, portanto, na maxima velocidade, não inferior a 600:000 metros por segundo, e se, como se vê, a cauda o acompanha, sempre perpendicular á superficie do sol com a sua extensão de 80 milhões de leguas, que velocidade deve ter a extremidade d'essa cauda? E' possivel que a materia atinja tal acceleração? Os sabios duvidam. Ha a hypothese d'uma



O cometa de Drake, tal como, desde ha quinze d'as, apparece aos habitantes de Lisboa,
à hora do crepusculo na direcção poente, á direita de Venus

refracção solar através da massa crystalina do nucleo, actuando como uma lente, mas o ether, optimo transmissor dos raios solares e estellares, não os reflecte, e se os reflectisse, não haveria trevas nos espaços que separam os corpos luminosos: o Universo seria um infinito de luz e não o que é, um infinito de treva. Além d'isto, a analyse espectral das caudas, accusa, na sua constituição vapores de carbone. Temos, portanto, que pôr de parte a hypothese da refracção ou d'uma vibração especial do ether. E', pois, materia a cauda cometary? Sem duvida se é constituída por gazes como diz a sciencia. Estamos, como se vê, em face d'um admiravel mysterio, que por certo será um dia desvendado. A ultima palavra da sciencia, está disposta a admittir na luminosidade dos cometas, a influencia electrica do sol sobre a electricidade do astro errante, cuja massa em vibração é um colossal e continuo bombardeamento de electrons...

O DESCONHECIDO

E veiu toda esta recapitulação a proposito do visitante inesperado e desconhecido que presentemente illustra, o céu.

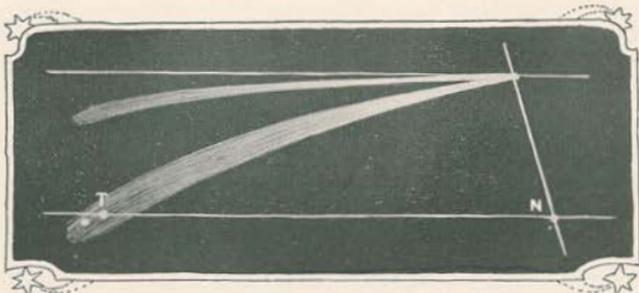
Foi por elle que instantaneamente procurámos avistar um astrónomo notavel, talvez o nosso primeiro astrónomo, que, com uma gentileza cheia de simplicidade, abriu uma clareira de luz entre os mysterios cometaryos e a nossa curiosidade. Pediu-nos porém o anonymato das suas palavras. Compreendemos e accetámos o pedido. O estylo jornalístico em que necessariamente teríamos que moldar as suas idéas, assustaria, talvez, o espirito essencialmente scientifico do sabio. As nossas perguntas, porém, deviam ser simples e precisas, dictadas, de resto, pelo instincto da conservação, d'esta vez collectiva.

O cometa descoberto por Drake ameaça por acaso a Terra? Os cometas constituem realmente um perigo para o nosso planeta?

Que mal nos poderá fazer a cauda do cometa d'Halley que deve envolver-nos no dia 18 de maio proximo?

Estas perguntas, varias vezes feitas, por certo, aos sabios, não têm a facil resposta que á primeira vista se possa esperar: Vejamos as respostas:

O cometa descoberto por Drake é um desconhecido e esse facto basta para nada se poder dizer sobre elle. Lá fóra, nos observatorios especialmente destinados a este ramo astronomico, procedem-se já a observações e só ellas nos habilitarão a dizer se o cometa é periodico ou



Passagem da Terra e da Lua na cauda do cometa de 1861

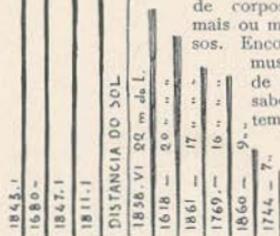
esporadico e qual a sua orbita em relação a nós no espaço e no tempo.

Como se determina a orbita d'um cometa? Medindo a velocidade que o anima. Segundo essa velocidade, o cometa percorrerá uma ellipse e portanto voltará ao nosso sol n'um praso mais ou menos longo, ou trará o que se chama uma velocidade parabolica, a sua orbita será uma parabola e é portanto um desconhecido que vem do infinito e volta para o infinito. São estes os dados que esperamos das observações sobre o novo cometa. E' portanto extemporaneo todo o juizo ácerca d'esse astro. Quanto ao encontro d'um cometa com a Terra, nada se oppõe a que isso succeda, e escusamos pintar as consequencias que deve conhecer. Finalmente, as caudas cometaryas, pôdem talvez representar um certo perigo. Com effeito não conhecemos sufficientemente a sua constituição physica para nos podermos pronunciar. Sabe-se que contém carbonio e cyanogenio. Estes gazes, conforme a sua rarefacção, poderão produzir a asphixia.

QUE SERIA UM ENCONTRO

Como se pode verificar, em face das leis que regem a gravitação astral, o encontro das grandes massas é tão possível como é um facto a queda, á superficie da terra, de corpos meteoricos mais ou menos volumosos. Encontram-se nos museus centenas de exemplares e sabe-se onde existem outros que em razão do seu formidavel peso não foram deslocados. Esses

80 MILHÕES DE LEGUAS



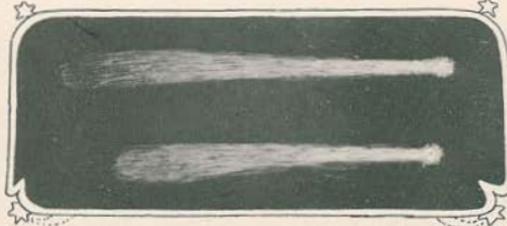
Comprimento comparado das caudas cometaryas

atingem muitos milhares de quilos. Apesar d'isto os astrónomos classificam-nos de pó dos mundos, o que não impede que tenham as suas orbitas como outro qualquer corpo celeste. Desencaminhados, por vezes, pela attracção dos planetas que encontram no caminho, toda a gente os tem visto fender a nossa atmosphera deixando um bello e impressionante sulco de luz. Conforme a velocidade que os anima assim caem ou proseguem no seu curso. Calcula-se que estes corpos, ao encontrar a nossa atmosphera, caminham com velocidades não inferiores a 72:000 metros no 1.º segundo desenvolvendo o attrito 2 milhões de calorias.

Estes corpos conforme o volume designam-se por uranolitos ou bolides. Como vimos, a analyse physica dos nucleos cometarios, accusa a presença d'uma aggregação de bolides mais ou menos incandescentes, aureolados d'uma enorme *atmosphera* (?) luminosa que se prolonga por milhões de leguas em opposição ao sol. O cometa celebre de 1811 tinha no nucleo um diametro 2 vezes maior que o sol. Ora o sol tem 345:000 leguas de diametro. Comparando, a Terra é um grão d'areia millimetrico sobre uma laranja. Bastava pois que este cometa passasse a 200:000 leguas da Terra para que o nosso globo fosse arrancado á attracção do sol e seguisse com o cometa a sua orbita secular.

Mas observou-se já um encontro cometario, pelo menos o effeito, pois d'outra forma se não pode explicar a estranha metamorphose por que passou o cometa de Biela.

Este cometa appareceu, n'uma das suas visitas, a 25 de novembro de 1845. Em noites consecutivas foi alvo da mais minuciosa observação. Subitamente, a 13 de janeiro de 1846, os astrónomos com infinito espanto acham o cometa partido em dois, viajando de con-



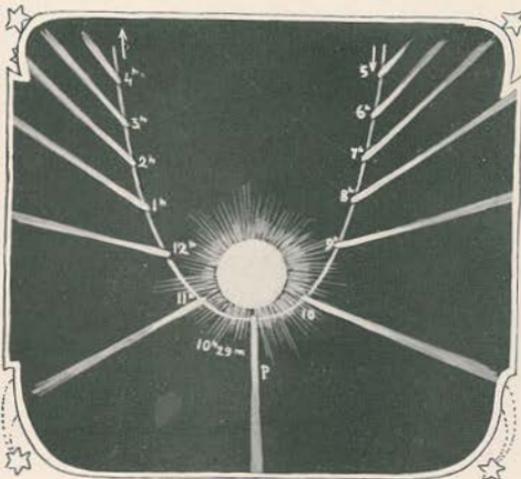
O desdobramento do cometa de Biela em 1846

serva. O mais interessante, porém, é que, de- vindo apparecer em novembro de 1877, conservou-se invisível, decerto por ter deixado de existir, mas, na noite de 27 do mesmo mez o céu offereceu aos homens um dos seus mais bellos espectáculos; ás 7 horas da noite começou uma chuva de estrellas que só terminou á meia noite. Contaram-se por myriades, em varios observatorios os bolides que sulcavam de luz o céu. Estudada a orbita d'esses corpusculos, verdadeiros destroços de mundos, verificou-se que seguiam o caminho de Biela. Aconteceu um desastre semelhante ao cometa de Lexell, suppõe-se que por ter soffrido a attracção do planeta Jupiter.

Para a Humanidade, as consequencias d'um tal encontro escapam a toda a imaginação.

Após um calor anormal, uma explosão formidavel devia saudir a nossa atmosphera sendo a sua repercussão milhares de vezes mais que sufficiente para nos atordoar por completo. Em seguida o choque dos dois corpos traria as consequencias calorificas que todos conhecem: uma transformação instantanea em gazes incandescentes. Appareceria no céu mais uma nebulosa, mais um cometa, a preoccupar, por certo, os astrónomos, de outros mundos, que nos contemplam. Comtudo o estampido monstro do nosso suspiro final não passaria de nós. O espaço continuaria silencioso e tenebroso enquanto os nossos destroços proseguiriam na sua orbita. E' caso para dizer que a morte é

bella. Mas, o cometa, ou melhor a sua cauda, podia proporcionar-nos uma morte agradável, e a essa hypothese tambem a sciencia se não oppõe. E' possivel pois que os gazes que constituem a cauda cometaria, tenham o poder de absorver o azote da nossa atmosphera, e n'esse caso... morreremos a rir, n'um delirio de satisfação.



Passagem do cometa de 1843 perto do Sol, em 27 de fevereiro ás 10 1/2

O 2.º ANNIVERSARIO DO REGICIDIO



El-Rei, a Rainha e o Infante D. Afonso sahindo da Sé, depois das exequias
(Cliché RENOLIREL.)

REUNEM OS DIRIGENTES DO PARTIDO REPUBLICANO



O partido republicano reuniu em sessão magna no dia 30 de janeiro, no Centro Democrático de Lisboa. Compareceram alguns dos seus vultos mais prestigiosos, tendo presidido á reunião o illustre escriptor Theophilo Braga. O directorio, que fizera o convite, expôz na mensagem que foi lida os fins da reunião, realisada não só para afirmar a solidariedade partidaria perante a situação, mas tambem para definir a tactica politica a seguir em face dos acontecimentos. Foi proposto que se attendessem de de já as seguintes questões: reforma eleitoral, leis d'exceptão, reorganisação administrativa, impos-



1—O dr. Bernardino Machado, acompanhado dos srs. José Relvas, dr. Malva do Valle, Miguel Machado e dr. Celestino d'Almeida á porta do Centro de S. Carlos
 2—O dr. Theophilo Braga, presidente da sessão diurna da reunião magna dos dirigentes do partido republicano. 3—O sr. dr. Jacintho Nunes, presidente da Camara Municipal de Grandola. 4—O dr. Duarte Leite, vereador da Camara do Porto, presidente da sessão nocturna



1—O dr. Brito Camacho, director d'A Lucta e deputado por Beja, n'um grupo de correligionarios.

3—O sr. dr. Celestino d'Almeida

guns republicanos n'um almoço, que se realisou n'um edificio do caes da Viscondessa, em Santos, sob a presidencia do sr. dr. Eusébio Leão.



2—Os srs. dr. Anselmo Xavier e o sr. João Patricio.



tos, defeza do paiz, ensino, questões clerical, constitucional, financeira e economica. Deliberou-se nomear commissões especiaes para tratar os assumptos, declarando-se a inteira autonomia do partido. No dia 31 reuniram-se ainda al-



Alguns dos convivas do banquete republicano realizado em 31 de janeiro e a que presidiu o sr. dr. Eusebio Leão:
No primeiro plano sentados, da direita para a esquerda, os srs. Magalhães Bastos, Feio Terenas, dr. Afonso Costa, dr. Brito Camacho, José Relvas, dr. Bernardino Machado,
João Chagas, dr. Jacintho Nunes, José Cupertino Ribeiro, José Barbosa, Innocencio Camacho, Julio Maria de Sousa, Guilherme Henrique de Sousa
e José Cordeiro Junior. (Cliché BENOLIEL)

FUJIDA FULMINANTE

Conto de Carnadal

COM ILUSTRACÖES DE E. NUNES

N'uma tarde de inverno, á hora a que as cozinheiras começam a praguejar contra a falta de pontualidade dos amos, dois amigos de infancia, perdidos de vista havia tempos, despediam-se no patamar d'uma luxuosa escada, dando accesso para o aposento, que um d'elles occupava, n'um bairro elegante de Paris.

Perdendo a esperanza de ser apresentado á esposa do antigo camarada de collegio, o visitante esboçava uma d'estas phrases banaes, que, quanto mais longas e floreadas se urdem, menos sin-



- 1—Dois amigos despediam-se no patamar.
2—Escudando-se com um chapéu de implacavel diametro, uma mulher meio despidia

ceras parecem, embora, por habito, as impinjamos aos amigos tambem.

E ia a descer, quando o outro, ponteando os labios com os dedos e apurando o ouvido para o ruido surdo do elevador, que vinha subindo, o agarrou com presteza e lhe disse baixinho:

«Eil-a... chut!... vamos causar-lhe uma surpresa...»

E, mal o elevador, retido de subito pelo esporão de paragem, estacou, d'um rapido movimento o marido impaciente abriu a porta do cubiculo trepador.

Surpresa extrema!... Phantastica visão!... N'aquella caixa, fazendo sum descanço o vae-vem entre o rez-do-chão e os andares do predio, sacario estofado de côr de rosa, jaziam pelo chão roupas em desalinho e ao centro encolhia-se, escudando-se com um chapêu de im-

disfarçando a emoção o mais que poude.

Mas já o companheiro, voltado a si da surpresa, fazia descer o panno sobre a magica appareição e o elevador, reposto em movimento, para as regiões superiores levava a celestial creatura entrevista.

Foi a vizinha do ultimo andar que, tendo descurado de regular a manobra do vehiculo, viera, por traição do mecanismo, deliciar, de passagem, os dois amigos, cavaqueando na escada, com a suggestão das mais excitantes bellezas.

Madame Courvite era uma d'estas mulheres, que, chegada á opulencia n'uma volta de fortuna, quer, no borbórinho insolito de festas successivas, apagar da memoria a lembrança d'uma modesta e ignorada mocidade.

Com effeito, a nossa recente mundana separou-se dos paes, serigueiros nos arrabaldes de Rouen, para casar com o modesto doutor, que



Ella puxava os atacadores e o mestre capillar substitua os *chichis*

placavel diametro, uma mulher meio despida!

Maldita e in'ame moda de enormes d'iscos emplumados, que, na sua occasional utilidade, toh'ia a vista d'um rosto mystico, talvez formoso.

Crendo que fôsse a esposa promettida, o amigo arrancou do suggestivo quadro o olhar prisioneiro e recuou

soube, em poucos mezes, construir com o seu pequeno dote um pedestal vistoso, d'on-de lançou á humanidade soffredora um grito de esperanza.

As curas realizadas com o seu primeiro invento—o neo-antinephritico salpicão d'aveia—crearam-lhe

um nome, que os jornaes engrossavam dia a dia.

Depois da extranha scena do elevador, a esposa do illustre especialista entrou no seu apartamento trevejando fulminantes imprecações. Não é que a indiscreta revelação do habito de se despir no elevador, já conhecido na casa pela bisbilhotice dos creados, lhe causasse embaraço; a mulher actual, acostumada á nudez parcial dos bailes e praias de mar, já não teme o vexame da exposição ocasional das suas graças intimas, mas tres minutos perdidos foi contrariante arrelia para quem traz o tempo contado.

D'esta sorte contrariada e maldizendo a aventura, a nossa joven elegante, convocando em altos gritos todo o pessoal ao seu serviço, foi direita ao *boudoir* e, ali, offegante, deixou-se cahir n'uma cadeira, dando a cabeça ao cabeleleiro e um pé a cada creada.

E assim, ao passo que ella propria puxava os atacadores do espartilho e o mestre capillar

lhe as pernas por outras. Estas simultaneas operações executadas n'um corpo em posição de ypsilon voltado, não iam sem dificuldade e passavam-se no meio do mais lugubre silencio.

Quebrou-o madame Courvite com uma dolorosa exclamação: Trinta e oito!
— Nem sete e meia, retorquiu o Figaro, socegando-a.

«Não é da hora que falo, voltou ella, é d'esta maldita cinta que persiste em não ceder de quarenta...»

No corredor resoavam os passos do doutor, que, já prompto, passeava d'um lado para o outro com um diadema de brilhantes enfiado no braço, á laia de estudante saindo d'uma distribuição de premios com a sua corôa de louros.

De vez em quando espreitava e vendo o momento chegado, passou a joia ao cabeleleiro, que a prendeu com quatro ganchos, rematando o penteado.



Todo o serviço domestico era distribuido aos internados

substituia os *chichis* de dia pelos postichos magestosos e encaraçolados de noite, a cozinheira mettia-lhe na bocca uma colher de succo de carne e as creadas, cada uma do seu lado, depois de lhe terem descalçado as botas e despegado as meias, faziam esforços extraordinarios para enfiar-

O doutor louvou-lhe a pericia e, tomando-lhe o pulso, despediu-o com phrase animadora: «Dentro d'um mez, estará curado; vá... vá-se deitar.»

Com effeito o barbeiro era seu cliente.

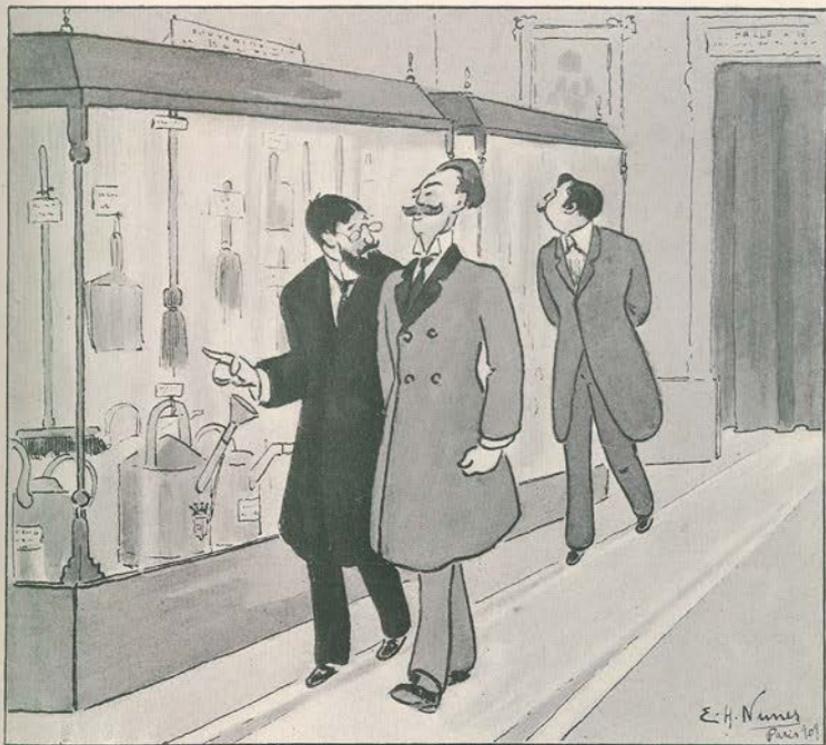
Depois d'uma viagem á

Suissa, visitando as principaes casas de saude, o nosso especialista tinha fundado um *sanatorium* para neurasthenicos, que, correspondendo ao estado psychico do doente moderno, repulstando toda a vulgaridade, se afastava por completo dos methodos ordinarios. A therapeutica do estabelecimento, onde o salpicão d'aveia era o alimento exclusivo consistia unicamente na gymnastica laboriosa.

No intuito de exercitar os musculos dos doentes e distraill-os, todo o serviço domestico era distribuido aos internados, que varriam e enceravam os soalhos, espanavam os cortinados, lavavam as vidraças, faziam os despejos, engraxavam o calçado... A primeira vista parece que um tal regimen desagradaria aos doentes

de *chauffeur* a madame Courvite.

Pela mesma razão, o mestre capillar, que a penteava, era um internado. Fortuna feita, tinha abandonado a arte; caído nas mãos do doutor, retomou o mister como exercicio de gymnastica sedativa dos nervos. Dias antes, o *sanatorium* tinha sido visitado pelo ministro. O alto funcionario, depois de examinar minuciosamente as vassouras, apanhadeiras e regadores com placas d'ouro e prata, que os clientes curados deixavam como trophéos, tinha, como primeira recompensa, convidado o fundador do moderno Instituto para um jantar official. Era justamente para esta festa que vimos Madame Courvite reunindo todos os attributos; que faziam realçar os seus



O sanatorio fôra visitado pelo ministro

tes, mas não só o alto preço da pensão ennobrecia estes baixos misteres, como o effeito cabalmente se não fazia esperar. Os internados dormiam bem e o doutor embolsava uma receita notavel, que a despeza pouco desfalcava. Para recompensar a boa vontade de certos doentes, o director deixava-os exercer alguns trabalhos preferidos e assim era o filho d'um rico banqueiro que servia

encantos naturaes na sala rutilante do banquete. A insaciavel mundana, tendo andado n'uma roda viva,—passeio a cavallo de manhã, visitas á tarde, aparições em dois *chás* da moda, tres vezes despida e vestida, adormeceu no automovel e, á porta do ministerio, o nosso doutor viu-se obrigado a ministrar-lhe uma injeção de cafeina.

PLACIDO DE SOUZA.

FIGURAS E FACTOS

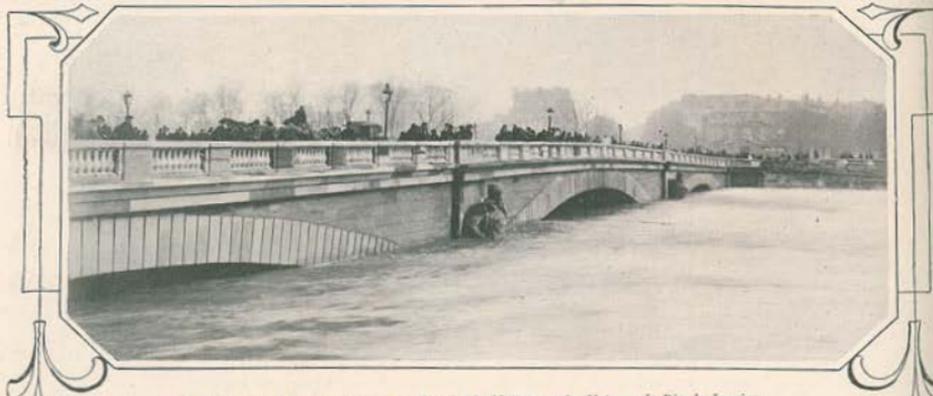


O sr. Salvador Santos, que, apoz um mez de residencia em Lisboa, regressou ao Rio de Janeiro, é um dos mais illustres jornalistas brasileiros e os periodicos de que é director, a *Gazeta de Noticias* e a *Noticia*, occupam logares de honra na imprensa da grande republica.

Devotado amigo da colonia portugueza, zeloso defensor dos seus interesses, tem sido alvo de grandes manifestações de sympathia da parte dos nossos compatriotas residentes no Brazil aos quaes nunca deixou d'accolher com a mais cordeal amizade.

O illustre jornalista brasileiro tem Portugal, onde residem os seus, como uma segunda patria, e todos os annos, após as suas demoradas excursões pela Inglaterra e pela Allemanha, vem descançar algum tempo a Lisboa, onde é recebido com todo o carinho que merece pela sua obra a que a colonia portugueza no Brazil muito deve.

Ultimamente, ao embarcar no *Cap Blanco*, com destino á sua patria, recebeu uma espontanea manifestação de sympathia da parte de muitos portuguezes que conhecem os seus dedicados esforços pela approximação dos dois paizes e que fizeram as mais affectuosas despedidas ao illustre director dos importantes jornaes brasileiros.



1—O sr. Salvador Santos, director da *Gazeta de Noticias* e da *Noticia*, do Rio de Janeiro.
2 e 3—A cheia em Entre-os-Rios. O largo do dr. Baltar.—(Clichés do sr. ALVES FERRIRA)

4—A cheia do Sena. A ponte d'Alma, em Paris.—(cliché DELIUS)

UMA MINA DE OURO EM PORTUGAL

Portugal não é um paiz que morra. Se as energias do povo, na maior parte das vezes, fogem em busca d'outra nação, é quasi sempre por imprevidencia, por falta de tenacidade, de heroismo, o modo por que abandonam a formosa terra da Patria. Em cada canto da provincia se encontram mananciaes de riqueza. A agricultura poderia estar pujante, se fôsse bem orientada. A pesquisa e aproveitamento da força dos nossos rios escachoantes seria o carvão fabril. O intimo da terra então guarda, avara e ciosamente para os nossos olhos, inextinguiveis thezouros. E é notavel. Na provincia a mais safara de vegetação, a mais abandonada, e até a mais pobre, é que maiores fontes de riqueza se encontram no interior da terra. Quem diria ser na provincia de Traz-os-Montes e no districto de Bragança, onde só ha pouco as parallelas d'aço do comboio foram levar a civilização e o conforto, que, a par dos colossaes jazigos de ferro de Roboredo, dos primorosos alabastros do Vimioso



1—Descida de um desmorte romano, na mina de França



2—O conductor aereo. 3—Colheita de amostra de minerio

e Cova da Lua, além de dezenas de minas de amiantho, estanho, cobre, chumbo, zinco e prata,— se iria encontrar tambem um jazigo d'ouro? O ouro, o vil metal que tudo vence, tudo acciona, tudo converte, desde a bolsa do judeu ao orgulho dos fidalgos, mas que faz girar a avassallante roda do Progresso, mechendo-se só a mãos cheias d'esse louro metal. Sem duvida por todo o interior das asperas e escavadas serranias brigantinas, por quantas fracturas filoneas de quartzo existem a scindir o schisto clivado ou o granito rijo e duro, a Natureza n'esse ingénito cadinho depositou o melhor das suas scintillações metallicas desde o negrume de wolframio ao brilho do chumbo e da prata, desde o acastanhado do zinco até á viveza do cobre e ao deslumbramento do ouro... Quasi todas essas jazidas metallicas que se deparam ou suspeitam por todo o districto mineralogico de Bragança dormem iuteis e inexploradas, mercê da indolencia dos homens de dinheiro e dos nossos technicos, salvando honrosas distincções. Como Portugal se levantaria economicamente se a adormecida vitalidade nacional se applicasse em retirar e a exaurir da terra os metaes que fariam de Portugal um paiz de industria, a poder ressurgir para a grande lu-

cta mundial da competencia, utilizada a agua como energia transformadora! Esse tempo ha de chegar, quando findo o mau exemplo da dissipação inveterada na raça por costumes dissolutos. Os que luctam contra a perfidia do mundo e tentam avantajar-se a uma obra nobilitante, surgem como heroes a merecerem applauso e exemplo. Eis o caso de dois rapazes irmãos que nasceram no mesmo dia, Antonio e Manuel Cardoso Pinto, cujo pae fora o descobridor



dos alabastros de Vimioso, os quaes, tendo-se devotado a aventurezas pesquisas mineiras, depararam com antiquissimos trabalhos nas faldas da serra de Montezinho, onde mal a urze se agarra, perto da desolada raia hespanhola e junto ao rude povoado da França quasi communalista. Com um grande amor e a finco se metteram á pesquisa do ouro, que a lenda dizia existir no intimo da serra, correndo

para as margens do rio Sabor, onde as raparigas arraianas, pelas tardes de verão, quando a jorna escasseiava, iam lavar nas «cuncas» as arcias em busca das ambicionadas palhetas. Durante um anno inteiro, dia a dia desterrados do mundo, vivendo n'um casebre humilde cujo «lousado» mal abrigava no inverno do frio siberiano, nem do calor rispido do verão ardente, — estes dois prisioneiros da terra, vestidos de ganga, furavam o flanco da montanha na ambição do mineral victorioso. Penetraram pelas quasi infundaveis galerias abandonadas da velha mina onde encontraram grutas enormes; exploraram os «desmontes» feitos ha milhares d'annos; encontraram multos objectos que os romanos tinham

deixado, entre os quaes uma talha e uma candeia authenticas, esta deixada na posição de alumiar junto aos madeiramentos de carvalho conservados do tempo. Foi um trabalho aturadissimo, exaustivo, cheio de devoção, sob a má vontade de muitos que alcunhavam a empreza de loucura — mas de tal modo os dois irmãos se dedicaram ao assumpto, estudando os livros da especialidade, da technica exploradora, que em breve o alvião batia e fazia saltar a rocha, — ao mesmo tempo que nas horas de descanso das suas mocidades operosas, no rijo enxergão de palha da sua morada serrana, os sonhos eram de triumpho, eram de «conquista.» Sentindo a falta d'uma technica superior ás suas forças na orientação do plano de ataque, os meus amigos Cardosos julgaram conveniente recorrer a uma auctoridade no assumpto para os guiar, o illustre engenheiro Moraes Carvalho. E foi com elle que, sob a sua direcção methodica e abalissada, se começou a cortar os filões auríferos.

¶
Vão passados dois annos. Como tudo está mudado... Antigamente,

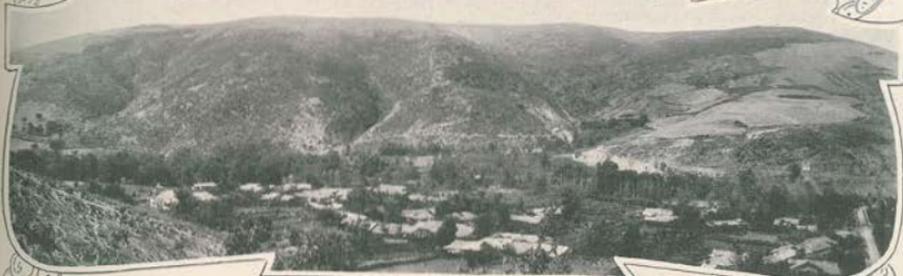


1—Uma talha romana e uma candeia, documentos da exploração aurifera romana da mina de França.
2—Um velho explorador das areias.



dos filões, só os tinham desmontado até ao ponto de poderem vencer as águas que nasciam. D'esse nível para baixo os enclaves auríferos continuavam sem poderem ser atingidos. A serra vista do alto apresenta varias chanfraduras, algumas das quaes parallelas, que descem a certa profundidade e findam pela altura do rio.

Da observancia cuidada d'esta seriação, veiu a idéa de que os filões, a continuarem-se, poderiam ser cortados na profundidade. A' custa de esforços, um largo poço, todo revestido de madeira de carvalho, foi aberto até á profundidade de 50 metros, e d'ahi deriva uma longa galeria que já vae a atingir o terceiro



meia duzia de operarios ajudavam á ardua tarefa dos exploradores. Hoje, centenas d'operarios trabalham nas minas.

A' chegada do comboio a Bragança, um automovel da sociedade galga depressa os 15 kilometros de uma estrada muito

pittoresca á beira do rio arborizado. E' uma sensação deliciosa e deslumbrante o avistar, na hora da chegada pela noite morta, a phantasmagoria dos arcos voltaicos que illuminam a mina e as serranias negras sobranceiras á aldeia reconditada.

O plano das pesquisas auríferas foi concebido com criterio superiormente orientado, sobrelevando todas as varias tentativas depois dos romanos feitas na procura aurifera d'aquelle local da serra Montezinha. Por não conhecerem os processos actuaes de estancamento das águas, os romanos, por certo os primeiros descobridores

filão, em cujo recheio, assim como nos dois primeiros, se encontra minerio sufficientemente cotado para uma exploração fructuosa e activa.

Quasi todo o trabalho é feito debaixo d'agua, que poderosos estanca-rios sugam



1—Descida a um poço. 2—Vista geral das minas de ouro de França, nas faldas da serra de Montezinha.
3—O pessoal das minas de ouro de França.



para o exterior, enquanto cabos aereos transportam para fóra o quartzo aurífero, separado das entranhas da terra por continuos golpes de picareta.

A Natureza cria dificuldades a quem a pretende desvendar. Só com mil esforços e tentativas pertinazes é que se deixa domar. E' como algumas mulheres a quem só a valentia, o arrojo e o valor captivam, qualidades estas que os exploradores possuem, vivendo lá nos confins de Portugal, entre arraianos de poucos amigos, vendo corôar-se, dia a dia, de louros tão cyclopicia tarefa.

Não é uma phantasia a existencia de ouro na Europa. A poucas horas de Paris, a mina de La

Lucette e do Chatelêt são um exemplo frisante. E para não sahir do paiz, em Recarei, junto ao Porto, na mina das Banjas, o insigne engenheiro Antonio de Bessa Pinto tem tirado do seu esforço aturado uma util compensação, sobretudo notavel por continuar trabalhos abandonados por uma companhia ingleza desilludida e desorientada no seguimento do filão aurífero. Aquelles que procuram o ouro pelo paiz, representam um novo caracteristico na lucta pela vida da raça portugueza. Attestam possuirem a tenacidade dos heroes que a lenda aclama, e são dignos de honra e proveito.

DR. AMILCAR DE SOUZA.



1—Casa das machinas electricas. 2—Casa do motor.
3—Um trecho da exploração dos jazigos auríferos da serra do Montezinho.
(Clichês dos srs. CORREIA E MORRIBA)

PARIS

BLOQUEADO PELAS ÁGUAS



1—Um aspecto do bairro de Auteuil, completamente inundado.
2—A rua Gros, onde foi necessário construir passadiços de madeira para o transito dos peões.
(Clichés de DELIUS)



1—A rua Felicien David transformada n'um canal.
2—A descarga do lixo de Paris no Sena, pela impossibilidade de o transportar, atravez das ruas e estradas inundadas, para os seus depositos dos suburbios da cidade.
(Clichs WORLD'S GRAPHIC)

FIGURAS E FACTOS



O sport nos lycæus: O 1.º grupo de foot-ball no lycæu da Hortas

2.—Scena do ultimo acto da peça *A' margem do codigo*, do sr Barreto da Cruz, representada pela primeira vez com grande exito no theatro D. Maria em 25 de janeiro.—(Cliché de SENOLIEL)

A' MARGEM DO CODIGO, foi o primeiro original portuguez que se representou na pre-

distincto actor Christiano de Souza cujo trabalho mereceu applausos do publico bem co-



sente epoca no theatro D. Maria. A peça tem todas as qualidades d'uma obra verdadeiramente moderna e n'ella reapareceu o

mo o dos outros interpretes do novo original do sr. Barreto da Cruz, que obteve um verdadeiro successo.

O HOSPITAL PORTUGUEZ DE BENEFICENCIA
EM PERNAMBUCO



1—O edificio do hospital



2—Quatro benemeritos da colonia portugueza de Pernambuco: (sentados) srs. Joaquim Fernandes do Monte e commendador Luiz Duprat; (em pé) srs. A. J. Barbosa Vianna e commendador Bento Luiz de Aguiar.

O hospital portuguez de beneficencia em Pernambuco, que tão carinhosamente acolhe os nossos compatriotas enfermos e desvalidos, n'aquella importante cidade brasileira, é uma das instituições que honra os benemeritos que a mantem e lhe guardam a tradição de cincoenta e cinco annos de obras caridosas. Em 1855 o cholera-morbus invadira a Bahia e o Pará; Pernambuco recebeu o flagello e então os directores do Gabinete Portuguez de Leitura, auxiliados pela colonia, lembraram-se de fundar um hospital provisório, a fim de socorrerem os portuguezes. Valiosos foram os auxilios deante da epidemia que tantas victimas fez, nobres as dedicações que se deviam continuar ao deliberar-se fazer d'aquella installação provisoria o hospital onde permanentemente se recolhessem os doentes portuguezes. Dentro em pouco os benemeritos fundadores viram o resultado dos seus carinhos e cuidados; sentiram como essa bella flor da caridade desabrochava em todas as almas e como aquillo que fóra obra d'uma necessidade de momento se tornara n'um pensamento dominante. Assim o barracão, onde em 1855 se receberam os cholericos, é hoje um dos mais bellos edificios de Pernambuco, com as melhores installações e tendo á sua frente homens dedicados, que se comprazem em socorrer os seus compatriotas pobres e doentes.

Entre elles é justo citar os commendadores Luiz Duprat e Bento Luiz d'Aguiar e os srs. Joaquim Fernandes do Monte e Barbosa Vianna, que tem sido inexcediveis de dedicação para essa obra por todos os motivos grandiosos.